

# “CADÊ O MEU CHINELO?!”

PROSEANDO ARQUEOLOGIA NAS REDES SOCIAIS

Juliana Pereira Francisco





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

JULIANA PEREIRA FRANCISCO

**“CADÊ O MEU CHINELO?!”**  
**PROSEANDO ARQUEOLOGIA NAS REDES SOCIAIS**

JULIANA PEREIRA FRANCISCO

**“CADÊ O MEU CHINELO?!”**

**PROSEANDO ARQUEOLOGIA NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Arqueologia da Universidade  
Federal de Sergipe, em formato de  
monografia, como requisito parcial  
para a obtenção do título de  
Bacharel em Arqueologia

Orientador: Bruno S. Ranzani da  
Silva

## Agradecimento

Na minha atual juventude li um livro chamado *“Na natureza selvagem”* escrito Jon Krakauer onde tomei conhecimento sobre a seguinte frase *“A felicidade só é real quando é compartilhada”*, e faz todo sentido aplicá-la na finalização desse ciclo universitário, que me trouxe muito conhecimento e conexões com pessoas especiais. Essa frase me mostrou que todos os momentos que vivi durante a graduação e todo o conhecimento ensinado foi através do compartilhamento. Uma nova fase está por vir e muitas outras experiências estão aguardando para ser vividas. É com imenso carinho, respeito e admiração que compartilho meu sentimento de gratidão as pessoas e lugares que fizeram parte desse momento. Meu sincero obrigada a Universidade Federal de Sergipe – UFS por me acolher e me oportunizar essa vivência. Meu carinhoso agradecimento aos professores e professoras de arqueologia por compartilhar sua sabedoria e me apoiar nos momentos de fraqueza, em especial ao meu orientador e professor Bruno Sanches que foi muito atencioso e paciente. Muito obrigada aos funcionários do campus e aos cidadãos de Laranjeiras que me alegrou tantas vezes com um sorriso de bom dia. Aos colegas de turma e tantas outras amizades que fiz durante esse período, principalmente a Josynadlla do Rosário por me socorrer nos momentos de desespero e acreditar no meu potencial, uma amizade que levarei por toda vida. Agradeço a professora Márcia B. Guimarães pela oportunidade de ser bolsista universitária na reserva técnica do campus de Laranjeiras e por todo apoio e cuidado. E também meu muito obrigada a Empresa Júnior de Consultoria Arqueológica (CAJUFS) pela possibilidade de experienciar o trabalho arqueológico em prática e por todo o carinho dos colegas que compartilharam esse momento comigo. E por último e o mais importante, agradeço a minha mãe Suzy Prates, por toda sua coragem, persistência e dedicação na minha educação e criação. Agradeço imensamente por sempre acreditar em mim e por me ensinar sua eterna sabedoria. Que o ato de compartilhar conhecimento, ideias, vivências, descobertas, carinho, felicidade e tristeza possa florescer cada vez mais em nós e nos permitir viver novos ciclos e finalizações com leveza e perseverança. Obrigada!



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Perfis na rede social Instagram relacionados a Arqueologia .....	27
FIGURA 2 - Capa da revista do Museu de Arqueologia e Etnologia .....	33
FIGURA 3 - Legenda na publicação “Chinelo” na página do Facebook .....	34
FIGURA 4 - Perfil na rede social Facebook do Museu do Ipiranga .....	37
FIGURA 5 - Perfil na rede social Instagram do Museu do Ipiranga .....	39
FIGURA 6 - Average Engagement Rates on Facebook .....	42
FIGURA 7 - Perfil Museu Do Ipiranga na Rede Social Facebook .....	44
FIGURA 8 - Gráfico: Average Engagement Rates on Instagram.....	46
FIGURA 9 - Gráfico: Engagement Rate Comparison .....	49
FIGURA 10 - Gráfico: Instagram Calculator Analytics .....	53
FIGURA 11 - Instagram Post Likes Calculator.....	54
FIGURA 12 - Instagram: Publicação do Chinelo .....	55
FIGURA 13 - Instagram: Comentários na Publicação do Chinelo .....	57

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
2 Arqueologia Pública.....	13
3 Tudo agora é rede?! .....	17
4 Arqueologia, “tá” na rede! .....	22
5 Caiu na rede, é Peixe!.....	29
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>59</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>61</b>

## Introdução

O tempo atual é caracterizado pela conectividade de imagens, sons, transmissões ao vivo, textos e traduções, algoritmos e *click*, big data e cibersegurança, palavras-chave. Esse novo meio vem prosperando nas relações sociais, no aprendizado, na experiência profissional e principalmente no acesso à informação.

Para esse novo espaço virtualizado os termos Mídia, Internet (Ciberespaço), Redes Sociais e Divulgação Científica serão citados no decurso desse trabalho, por tanto, deixo a seguir algumas definições para melhor compreensão na leitura.

- Mídia

Mídia, em sua forma mais básica, são os meios de comunicação, ou uma agência pela qual aquela comunicação é transmitida, transferida ou conduzida<sup>35</sup>. “A mídia” pode ser vista como uma entidade em si mesma, um corpo de jornalismo com valores de transmissão que intersectam mercados e comércio, perfis de audiências, fronteiras do espaço discursivo, e conhecimento disciplinar. Pode ser igualmente compreendido como um processo de tradução ou engajamento incorporado na materialidade da forma midiática. Mídias diferentes transmitem<sup>36</sup> diferentes mensagens de maneiras variadas, tendo tanto impacto sobre os contextos de interpretação quanto enquadrando e reenquadrando os contextos de consumo (Clack & Brittain 2007, p. 12 apud DA SILVA, 2011, p. 66)

- Internet

Para definição da Internet seguirei com a proposta de Pierry Lévy (2018) como um conjunto de redes, sendo este o Ciberespaço. Segundo o autor:

A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer*.

[...] defino o ciberespaço como o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização<sup>4</sup> (LÉVY, 2018, p. 94 - 95)

- Redes Sociais

Redes Sociais são estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizada.

Redes sociais informais são baseadas em alto fluxo de comunicação e inexistência de contratos formais reguladores do resultado das interações. Atualmente, muitas redes sociais deste tipo se encontram fortemente baseadas em suportes eletrônicos (tecnologias da informação). Os processos de decisão em redes sociais informais são predominantemente negociais, democráticos, participativos (SOUZA & QUANDT, 2008, p. 2)

- Divulgação Científica

[...] a divulgação científica constitui-se no emprego de técnicas de recodificação de linguagem da informação científica e tecnológica objetivando atingir o público em geral e utilizando diferentes meios de comunicação de massa. Gonzales (1992, p. 19) concebe a divulgação científica como a “(...) *comunicação entre ciência e sociedade*”, sublinhando que, em tal processo, o fundamental reside em comunicar em linguagem acessível “(...) *os fatos e princípios da ciência*” (LOUREIRO, 2003, p. 91)

Dado as definições prévias sobre os termos que serão apresentados nesse trabalho, seguimos adiante com mais informações sobre crescimento da internet e seu potencial para a arqueologia.

Segundo os dados divulgados pela ONU no site Nações Unidas - ONU News em setembro de 2022, existem 5,3 bilhões de pessoas com perfis na internet no mundo todo. Mas apesar da sua imponente, ainda existem 2,7 bilhões que nunca tiveram acesso à rede. A reportagem também comenta a desaceleração do crescimento ao acesso à internet após período pandêmico e que políticas e estratégias devem ser elaboradas para proporcionar o acesso a todos (ONU NEWS, 2022). Nesse processo em que quase tudo ao nosso redor se transforma e ressignifica, a internet, enquanto tecnologia de comunicação, cria espaços, mas também se reforma neles.

Também não vamos nos iludir, *nem tudo são flores*. Apesar do desenvolvimento tecnológico e suas conexões, tudo exige responsabilidade e consequência, é causa e efeito. A internet concedeu à proximidade social virtualizada, acesso à informação e comodidade, mas também trouxe problemáticas a serem discutidas. Dentre elas, pretendo refletir o potencial

arqueológico na internet e principalmente nas redes sociais e como a arqueologia pode (deve) explorar meios comunicativos voltados à educação patrimonial, bem como, tomar conhecimento das atividades profissionais realizadas pelos (as) arqueólogos (as) no Brasil e no mundo.

A esse respeito cito a reportagem da BBC News divulgada em 9 de maio de 2022 com o seguinte título: *“Os mistérios e polêmicas que cercam um chinelo no Museu do Ipiranga”*. A reportagem consiste em divulgar o trabalho dos profissionais arqueólogos (as) no museu, mas principalmente elucidar o enigma de um chinelo encontrado durante as escavações de restauro da estrutura, que proporcionou inúmeras discussões entre todos os profissionais da obra.

Com tantas opiniões e metodologias quanto ao resgate do material, os profissionais decidiram questionar ao público, “o que devemos fazer com o chinelo?!”. O público respondeu e demonstrou interesse pela notícia. Esse caso despertou nosso interesse pelo sucesso interativo (independentemente do teor das respostas): a arqueologia conseguiu alcançar um amplo espectro social em torno do debate do patrimônio público.

É através dessa troca, do diálogo virtualizado entre arqueólogos e o público não acadêmico que buscarei analisar (e argumentar em favor) da internet como uma poderosa ferramenta de divulgação e aprendizado.

Para isso irei percorrer a Arqueologia Pública sobre as abordagens de comunicação e educação possíveis para essa vertente. Evidenciarei trabalhos midiáticos em ação e como sua fundamentação corroboram no desenvolvimento da arqueologia, não deixando de esclarecer sobre a internet e seu movimento cibercultural com as redes sociais

Tenciono essas discussões em um organizar e desenrolar de fios, a contar com o início pandêmico no ano de 2022. Sendo eu uma voraz consumidora da rede, acabei tomando conhecimento sobre seu crescimento e enriquecimento na divulgação de conteúdos, o que me levou a observar uma enorme divulgação de trabalhos e palestras educativas voltados a arqueologia, geologia, espeleologia, museologia e muitos outros.

Com a publicação do chinelo no Museu Ipiranga e sua interatividade na internet, observei a arqueologia crescendo sob novas perspectivas de divulgação e educação. Radiante a possibilidade de observar esse novo cenário, consciente de muitas problemáticas que o rodeiam, tenho como objetivo ter uma dimensão da potencialidade na relação entre comunidade arqueológica e o público não especializado pelas redes sociais. Para isso, tomarei o caso do chinelo de borracha encontrado no Museu Ipiranga, analisando a postagem do Museu sobre o caso e sua interação com o público. Com isso, objetivo ter uma dimensão mais concreta, a partir de um estudo de caso, sobre as formas discursivas e éticas que a arqueologia têm usado para se engajar com a sociedade. Como resultado, espero conseguir um panorama prático dos limites entre divulgação científica, motores de engajamento e responsabilidade profissional.

Para explorar essas respostas, parto com o desenrolar desses fios. A começar com o fio amarelo conversando sobre arqueologia pública. Irei discorrer sobre sua origem, seus princípios e aplicabilidades em território brasileiro junto ao desenvolvimento. Também abordarei algumas críticas e reflexões, para melhor compreensão da sua atual importância. À frente, vamos de vermelho e azul! Esse fio comunica as informações sobre o desenvolvimento da internet e a manifestação da cibercultura. Proponho, nesta etapa, elucidar a rede cibernética seguindo as informações de Pierre Lévy (2018), e complemento a interpretação e formação discursiva desenvolvida pelos internautas no espaço virtualizado. Neste espaço também faço um adendo à arqueologia na rede, com perfis e publicações voltados à proposta educativa e divulgação dos trabalhos científicos. E por último não menos importante, o fio preto vem contar a história, prosear a reportagem e tagarelar as opiniões. É através da reportagem *“Os mistérios e polêmicas que cercam um chinelo no Museu do Ipiranga”* que integro as informações citadas no intuito de unir uma ação, na perspectiva de uma boa ação. Apesar dos desafios da arqueologia nas redes sociais e pontos a serem melhorados, a disciplina deve sim se compor de interatividades como está para o seu desenvolvimento e comprometimento com o público.

E com esse sentimento é que quero evidenciar como a internet vem se revelando uma ferramenta poderosa a ser explorada e integrada aos projetos educacionais e divulgação dos trabalhos realizados pelos próprios profissionais. Não apenas como uma proposta educativa e de desmistificação da arqueologia *Indiana Jones* que, lamentavelmente, ainda prevalece. Mas também como reconhecimento do compromisso realizado pelos profissionais, dos artigos científicos publicados, dos resultados alcançados e da própria valorização da arqueologia brasileira e sua cultura material.

## Arqueologia Pública

Quem é a arqueologia pública e por onde ela transita?! Por muito tempo e “talvez até hoje” essa área pode apresentar questionamentos daqueles não tão familiarizados com as novas demandas. Sendo até compreensível, afinal, ela se expande e transmuta à medida que novas necessidades, tecnologias e perspectivas políticas e sociais entram em cena. Assim, tomo a liberdade de atribuir-lhe certas características, como sua pluralidade intelectual, suas vozes em meio à multidão e sua numerosidade de espaços e formas. Considero que a arqueologia pública pode ser compreendida como:

[...] um campo de pesquisa que debate a aplicação da Arqueologia, destinado a dialogar com a sociedade sobre as questões públicas da disciplina (legislação, gestão, ética e educação), almejando garantir a proteção e preservação do patrimônio arqueológico, bem como, defender os interesses profissionais, científicos e públicos da Arqueologia. (FERNANDES, 2007, p. 47 apud DE SOUSA, 2018, p. 87)

Portanto, creio que o seu propósito pode ser entendido como uma área que dialoga entre diferentes espaços e o seu público. O diálogo possibilita que a arqueologia visualize, compreenda, análise e evidencie peculiaridades intrínsecas, despertando uma comunicação de percepção mútua, onde o saber é produzido de forma compartilhada.

Em sua narrativa a Arqueologia pública vem percorrendo ao longo do tempo um caminho entrelaçado a diferentes práxis e metodologias. Se desenvolveu e ganhou vida após o início da nova arqueologia ou também conhecida como arqueologia processual, na década de 1960.

Quanto ao termo

[..] *Arqueologia Pública*, como campo de pesquisa arqueológica, foi mencionado pela primeira vez em 1972 nos Estados Unidos, na obra de Charles McGimsey III, associado às questões práticas ligadas à gestão de patrimônio cultural, distinguindo-o dos estudos meramente acadêmicos (SOUZA & SILVA, 2017, p. 68).

No Brasil, a

[...] consolidação da Arqueologia Pública aconteceu devido ao processo de redemocratização política, a partir da década de 1980 (OLIVEIRA, 2005, p. 118). Foi a partir daí que se passou a refletir sobre métodos, práticas, valores e significados de como seriam divulgados os trabalhos arqueológicos. Desse processo nasceu a Arqueologia Pública brasileira. Nesse contexto brasileiro, uma das principais implicações da década de 1980 foi a elaboração e aprovação da Constituição Federal de 1988, que veio garantir e normalizar os direitos dos cidadãos brasileiros e, com isso, proporcionou também a valorização da diversidade ambiental e cultural (SOUZA & SILVA, 2017, p. 68).

Ou seja, a arqueologia pública surge junto com a expansão da arqueologia no licenciamento, especialmente a partir do que ficou conhecido como Educação Patrimonial. O comprometimento era buscar novas relações com o público, no intuito de divulgar o papel da disciplina e sua importância no país. A arqueologia pública, dentro desse quadrante, se dispõe a construir proximidades com a sociedade no propósito de despertar a representatividade cultural e material, seus valores históricos e principalmente na conscientização da conservação do patrimônio histórico nacional.

Ainda assim, as relações com o público no contexto da educação patrimonial, acaba por se fazer limitada quando posta na concepção entre “professor e aluno”, muitas vezes retirando a comunidade o seu lugar enquanto residente em torno do espaço arqueológico retratado e seu vínculo e conhecimento sobre ele.

Vale a reflexão de que a arqueologia deve se apresentar na responsabilidade educativa e difusora de conhecimento, mas por outro lado, deve fazer-se ouvinte e acolhedora de diálogos e interpretações. Afinal,

[...] o papel social do arqueólogo/adentro da sociedade é tão importante, pois ele aprende com a própria comunidade sobre o olhar que a mesma tem em relação ao patrimônio e através de ferramentas da Arqueologia Pública (diálogos e mediação) se abre um caminho para construir, juntos, sentidos e significados ao patrimônio” (DE SOUZA, 2018, p. 85)

E reforço com Laize C. Souza & Joachim Hermann (2017, p. 69) ao mencionar que “A expressão ‘Arqueologia Pública’ se refere à atuação com

pessoas, proporcionando diálogos e discussões a respeito das simbologias e das representações constituídas através da cultura material”.

Ela também se edifica enquanto ferramenta política e social, contribuindo para o interesse da sociedade nos aspectos científicos, econômicos e educacionais (SOUZA & SILVA, 2017, p. 69). Esse posicionamento permite a orientação de áreas conflitantes com colocações mais amplas, mediando relações entre o público não acadêmico e profissionais arqueólogos. Segundo DA SILVA (2011, p. 41) a arqueologia pública pode ser compreendida enquanto uma disciplina que concede uma posição particular dentre tantas outras possíveis sobre a mesma paisagem e que esse posicionamento possa se relacionar de modo a cumprir o seu objetivo. Ainda ressalta que...

Essa abordagem nos permite trabalhar com a multiplicidade de enfoques que se vinculam ao termo em questão: divulgação, melhores relações com meios midiáticos, sítios arqueológicos e revitalização econômica, valorização de culturas ditas tradicionais, arqueologia e turismo, gestão de patrimônio arqueológico e legislação, quebra de cientificismo da disciplina (DA SILVA, 2011, p. 41)

Um desses enfoques a ser destacado é o *mass media*, sendo essa uma ferramenta de comunicação que busca informar, educar e entreter as pessoas em uma ampla gama de tópicos. Quando usada como ferramenta da arqueologia pública, motiva a formação de múltiplas conexões, proporcionando aprendizado e oportunizando a conscientização comunicação em massa voltada ao público não acadêmico se faz um artifício para arqueologia pública muito importante para o reconhecimento da disciplina, com divulgação de projetos e atuações dos profissionais, bem como na valorização dos bens patrimoniais, sua representatividade e compreensão do processo de preservação.

Na arqueologia, a mídia já se fez presente através de programas televisivos educativos e de curiosidades; na imprensa com reportagens sobre escavações e descobertas; nos filmes com aventuras e caça a tesouros. Mesmo que haja necessidade da revisão e correção de imagens equivocadas da disciplina, a mídia não deixa de ser uma ferramenta colaborativa quando usada com responsabilidade.

Hoje, os meios de comunicação em massa com maior alcance e impacto são as redes sociais, nas quais a arqueologia se faz presente, com perfis destinados à divulgação de conhecimento e atividades profissionais. Segundo Costa (2019) o processo de migração para divulgação científica se deu inicialmente com o rádio em 1920; seguindo para os filmes entre 1930 e 1960; e depois para décadas seguintes com a TV, revistas, jornais e centro de ciências para divulgação e interação com público não acadêmico. Já a internet inicia-se no Brasil a partir dos anos 2000 com a tendência dos *blogs* voltados a ações de envolvimento dos pesquisadores junto com a divulgação científica.

Essa flutuação histórica de ações de divulgação das ciências ao longo dos anos foi caracterizada, por Bauer (1998), como ondas de popularização, consequência de relações estabelecidas entre o investimento público em pesquisa e a aproximação dos temas da ciência com a sociedade. [...] e identificou que a popularização – entendida aqui como ações que visam levar conhecimento, métodos ou fatos científicos a pessoas que não têm a pesquisa como principal atividade profissional – é um processo cultural que passa por ciclos de expansão e retração. (COSTA, 2019, p. 90)

A autora ainda complementa que

O cenário de emergência de projetos de divulgação científica na internet já havia sido caracterizado por Brossard (2013), que sistematizou a paisagem das novas mídias e dos novos produtores e consumidores de informações científicas como uma realidade em que tanto cientistas quanto suas instituições e o conhecimento que produzem estão emaranhados em novos ambientes de mídia, abrangendo sites como YouTube, Facebook e outras redes sociais digitais (BROSSARD, 2013, p. 14096 apud COSTA, 2019, p. 90)

Em consequência das expansões comunicacionais no campo científico e tendo como proposta da arqueologia pública a divulgação das pesquisas e interação com o público não acadêmico, vale a pena levarmos debates e discussões para as redes. É com essa expectativa que sigo nos próximos capítulos questionando e argumentando as novas propostas da disciplina na famigerada rede internet.

## **Tudo agora é rede?!**

Ao pensarmos na palavra rede, podemos atribuí-la a diferentes representações, mas sempre agregado ao entrelaçamento de fios e/ou materiais diversos. No contexto desse trabalho a palavra rede é cibernética. É a união dos cabos, sinais transmitidos por satélites, aparelhos móveis entre outros meios que permitem pessoas se manterem conectadas ao mundo virtual. O entrelaçamento do cibernético não se ocupa só com fios, cabos e sistemas de comunicação eletromecânicos. Sua multidimensionalidade se complementa com usuários (pessoas) que possuem suas identidades culturais, necessidades, características, formas de pensar e dialogar. Assim, podemos compreender que no cibernético...

A rede não é aqui um dispositivo fechado, mas lugar de passagem e de contato, crescendo em valor de acordo com o crescimento do número de seus utilizadores. Ela é construída pela dinâmica de suas interações, não sendo assim, fechada a priori, conformando dinamicamente e sendo conformada de forma complexa pela sociedade e, conseqüentemente, por todo o campo comunicacional. (LEMOS, 2004, p.15)

Podemos refletir que a rede cibernética é uma forma de inteligência coletiva, onde indivíduos e grupos podem colaborar e compartilhar conhecimentos para elucidar problemas e desenvolver soluções. É uma rede social complexa e dinâmica que conecta indivíduos e comunidades em todo o mundo, permitindo a colaboração e o compartilhamento de ideias em tempo real. É um espaço público global, onde a liberdade de expressão e a participação são fundamentais.

Em resultado com o uso consistente da internet e as interatividades da rede, a sociedade acaba por se transformar e aos poucos desenvolvendo novas formas de se comunicar, aprender, pensar e até mesmo agir. O acesso rápido à informação e comunicação agrupou diferentes contextos em uma nova cultura, a cibercultura.

Segundo Pierre Lévy a construção do mundo virtual é apresentada e discutida mediando diferentes esferas de uso, conceitos e problemáticas. O termo é compreendido como um “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores

[...]” (LÉVY, 2018, p. 17). Dentro dessa perspectiva, o autor enaltece as comunicações virtuais e relações por elas estabelecidas.

A hipótese que levanto é que a cibercultura leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de uma vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (LÉVY, 2018, p.15)

Assim, o espaço comunicacional no mundo virtual – também conhecido por rede ou ciberespaço – pode ser compreendido como uma entidade totalmente “desterritorializada” (LÉVY, 2018, p. 17 - 49), visto sua eficiência na comunicação virtualizada entre os usuários e nos resultados que essas trocas possibilitam mediante ao acesso à informação. Segundo o mesmo autor, o ciberespaço “[...] específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 2018, p. 17).

Dessa forma os processos de cooperação ligados a cibercultura ...

[...] potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos. Não existe propriedade privada no campo da cultura já que está se constitui por inter cruzamentos e mútuas influências (LEMOS, 2004, p. 11).

A rede aumenta sua “teia” a partir das pessoas conectadas. Quanto maior o número de usuários *online*, mais espaços são desenvolvidos para garantir o vínculo comunicacional entre eles. Quanto maior o vínculo comunicacional, mais conhecimento é armazenado, conseqüentemente novas reflexões e perspectivas são atribuídas e discutidas. Assim, o movimento universal do ciberespaço se torna cada vez mais contínuo, expandindo suas interconexões para uma inteligência coletiva.

Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato (LÉVY, 2018, p. 225).

Com o avanço comunicacional, as plataformas digitais provocaram uma confraternização em diferentes esferas narrativas. As comunidades virtuais ganharam vida em fóruns de *blog* e *website* para se estruturarem. Hoje, elas atuam em espaços destinados à conectividade de uma rede social, visando o compartilhamento do cotidiano, com assuntos voltados à rotina pessoal, noticiário, influenciadores e entretenimento.

As redes sociais acabam sendo formadas por grupos de internautas que possuem o mesmo interesse que, nesse caso, é o compartilhamento social e a comunicação em rede. Mas essas plataformas também contribuem para o acesso à informação de diferentes assuntos, visto sua diversidade cultural nos perfis registrados e no conteúdo disponibilizado por eles. Também podemos refletir que, na internet, uma *coisa puxa outra*. Quando estamos navegando na rede, buscamos nos alimentar de conteúdos que nos interessam ou que atendem às nossas necessidades, mas também podemos nos deixar levar por títulos atrativos.

Com o crescimento da rede de compartilhamento e publicidade em espaços virtualizados, as pessoas passaram a entrar em contato mais facilmente com informações e/ou assuntos que fogem do seu interesse. No oceano comunicacional da internet um exemplo simples sobre espaços característicos que podem despertar curiosidade, são os *motores* de busca, ou seja, sites voltados para pesquisas que te direcionam para incontáveis resultados, com apenas uma única palavra-chave.

Assim, publicações com palavras-chave são exemplos que permitem alcançar diferentes grupos sociais e sinalizam conexão entre elas. Basicamente um título que apresenta a palavra “Museu” pode atingir internautas, consumidores de arte, profissionais da área, estudantes, curiosos e pessoas que acompanham o noticiário diariamente. Uma simples palavra-chave no acervo informacional virtualizado reforça a ausência de fronteiras e seu potencial em expansão. Contribuindo para uma formação discursiva totalmente abrangente, repleta de opiniões e significados.

Considerando a quantidade de temáticas disponíveis na rede e sua acessibilidade, é notável que a confraternização entre os internautas apareça em múltiplas formas de interações, interpretações, bem como diálogos de concordância ou crítico. Uma vez que as plataformas virtuais disponibilizam a troca de informações, conhecimento e desejo, temos uma comunicação em rede, a efetivação de um discurso. Diante a isso, podemos referir a importância da construção de uma perspectiva autônoma do indivíduo como formador de opinião e construção identitária ao consumir e se expressar na comunidade virtual.

Com tantas opiniões e formas de pensar entre os internautas, as interações passam a ser mediadas nas plataformas digitais, buscando estabelecer interações saudáveis e construtivas. Para isso destaco a abordagem de Jürgen Habermas apresentada por Úrsula Cunha Anacleto (2018) ao falar sobre a ética do discurso destinada à comunidade cibercultural.

Em síntese, a ética do discurso, que se pretende nas interações em redes sociais tecnológicas, objetiva a construção de relações comunicativas participativas e solidárias, mediadas linguisticamente; estrutura-se a partir do discurso argumentativo, que possibilita a responsabilidade comunicativa e a solidariedade discursiva; torna-se um elemento essencial nas interações por possibilitar a participação das pessoas em diversos processos comunicativos, de forma intersubjetiva e fundamentada em um consenso alcançado discursivamente; possibilita a emancipação discursiva a partir da constituição do sujeito pós-convencional (ANECLETO, 2018, p. 312).

Apesar da existência de discordâncias exteriorizadas pelos internautas decorrentes do impacto cultural e sua individualidade reflexiva. A troca informacional em rede continua sendo um avanço para o rompimento de fronteiras, descobertas e quebra de paradigmas. A vida na comunidade virtual permite o deslumbramento do novo, o desfrute de um diálogo, o entusiasmo de uma nova pesquisa e a diversão de um entretenimento. A comunidade virtual se torna apenas um reflexo de uma nova forma de sociabilidade, mas que está ao alcance de um acervo informacional disponível a qualquer hora e qualquer lugar. A disponibilidade de compartilhamento facilita a disseminação rápida e ampla de informações e ideias. A conectividade em tempo real e sua disponibilidade de compartilhamento caracteriza nossa nova realidade, um universo em rede.

Tudo agora é rede?! Os dados de pesquisas, o acervo digitalizado, o noticiário, o debate político, a receita da vovó, o perfil do (a) seu (sua) *crush*. Bom... tudo (ou quase tudo) está agora na internet e, como já descobrimos, pode ser compartilhado, comentado e baixado. A arqueologia não ficaria fora dessa, seguimos para o próximo tópico e sondamos um pouco mais.

## Arqueologia, “tá” na rede!

Gosto de pensar que o desempenho de compreender a estrutura de uma teia se reflete bem na arqueologia. São muitas as histórias, os dados e as interpretações. Quanto mais ideias e saberes compartilhamos entre nós pesquisadores, mais próximos (talvez) as pesquisas científicas alcançam seus objetivos.

A arqueologia é interdisciplinar e investigativa e busca reconstruir o passado a partir de fragmentos e vestígios materiais que estão interconectados com contextos históricos e culturais. Sendo assim, o vestígio arqueológico inserido em um cenário complexo e articulado se participa de uma teia, a qual também é composta por diferentes camadas e conexões. Dessa forma, ao estudar o material arqueológico, os profissionais enfrentam o desafio de interpretar suas singularidades e compreender sua relação com o ambiente e demais vestígios.

Nesse processo é importante reconhecer que a interpretação arqueológica também é influenciada pela subjetividade do arqueólogo (a) e pelo contexto histórico e cultural no qual está inserido. Diferentes profissionais podem chegar a interpretações diferentes com base nas mesmas evidências e é através do diálogo e da discussão que as ideias podem ser refinadas e a compreensão pode ser aprimorada e estabelecida.

Em resumo, faço a analogia da “teia” com a arqueologia numa forma interessante de abordar sua complexidade no processo investigativo e a vivacidade na troca dos saberes. Desvendar a estrutura de uma teia requer paciência, cuidado, atenção e compreensão das conexões entre os fios. A investigação arqueológica exige esse esforço meticuloso para compreender as múltiplas camadas de informações presentes e seu contexto. E ao compartilhar/dialogar as ideias e conhecimentos, os arqueólogos se aproximam dos seus objetivos de uma forma muito mais completa.

No tópico anterior busquei evidenciar o potencial da comunicação em rede no universo cibernético. Aqui sigo com o mesmo pensamento, no entanto colocando a arqueologia nessa trama, pensando-a como um universo repleto de

conexões e trocas, mas que agora se movimenta a uma rede que lhe potencializa.

Não é novidade que a arqueologia vem cada vez mais se aconchegando nas plataformas digitais, nos equipamentos tecnológicos, no compartilhamento de dados em rede. De um lado, temos um avanço da tecnologia disponibilizando à arqueologia o aprimoramento em criar e modelar imagens em 3D, jogos e programações. Apesar da modéstia, muitas pesquisas têm se desenvolvido com o auxílio das ferramentas digitais, que vem promovendo uma nova perspectiva nos estudos, análises e ensinamentos.

No outro lado, temos a internet com suas plataformas de comunicação, acervo, site de pesquisas e muito mais. Nesse campo, destacamos um avanço da arqueologia após o início traumático da pandemia. O isolamento contribuiu para uma adaptação muito mais fluida (e obrigatória) da comunicação arqueológica por instrumentos digitais. Plataformas voltadas ao ensino como Google Classroom®, outras já destinadas às apresentações de eventos, encontros e debates realizados ao vivo como YouTube®, Google Meet® e Zoom®. Não deixando passar as famosas *lives*, as transmissões ao vivo foram freneticamente disponibilizadas em plataformas mais conhecidas como *Twitch*, Instagram, TikTok, Facebook

Uma vez a porta aberta na rede cibernética, a arqueologia se aproveitou e recriou algumas formas de ensinar e divulgar suas pesquisas. Por isso, é com carinho que me refiro ao trabalho da Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE) desenvolvida por colaboradores e pelo professor doutor Alex da Silva Martire especializado em ciberarqueologia<sup>1</sup>. A ARISE promove *lives* na plataforma *Twitch* interagindo com jogos virtuais e ao mesmo tempo realizando conversas entre profissionais arqueólogos (as) e seu público. O trabalho da ARISE mostra como a internet pode se tornar uma ótima ferramenta de divulgação, ensinamento e esclarecimentos de forma descontraída e íntegra quando bem manuseada.

---

<sup>1</sup> Ver mais em: <http://www.arise.mae.usp.br/>

A ARISE é só um dos muitos grupos que vem se movimentando na Internet, como...

[...] *Arqueologia e Pré-História*<sup>1</sup>: formado por uma equipe multidisciplinar e que, desde 2013, vem sendo parâmetro para a divulgação científica arqueológica (e agora também paleontológica) no país utilizando a Internet (MORENO DE SOUSA, 2018); e o canal *Arqueologia Alternativa*, apresentado pela Dra. Cris Amarante no YouTube<sup>2</sup> há cerca de cinco anos. (MARTIRE, 2022, p.197)

O canal do Youtube “Arqueologia pelo mundo” criado em 2008, administrado e apresentado pela arqueóloga Márcia Jamille, onde busca divulgar conhecimento sobre história e arqueologia abordando diferentes temáticas e curiosidades. O canal conta com aproximadamente 91,1 mil inscritos e 320 vídeos publicados.

A página no Instagram da Empresa Júnior de Arqueologia CAJUFS (Consultoria Arqueológica Júnior da Universidade Federal de Sergipe) sendo uma das primeiras empresas júnior em arqueologia, fundada no ano de 2013. Conta com uma página na rede social divulgando seus trabalhos arqueológicos e conhecimento sobre a disciplina através das publicações, e *lives* que abordam discussões atuais sobre a arqueologia de contrato, licenciamento ambiental, conservação do patrimônio, entre outros.

De particular interesse desta pesquisa são os perfis no Instagram voltados à divulgação e informação do acervo museológico, comunicação sobre eventos, palestras e atuais notificações referente a exposições. Perfis destinados ao conhecimento arqueológico e trabalhos realizados por empresas também estão disponíveis e vem buscando atuar acertadamente na divulgação dos conteúdos.

O Instagram se tornou uma plataforma popular para a divulgação e compartilhamento de conteúdo arqueológico. Os perfis dedicados a esse conhecimento oferecem uma maneira acessível e visualmente atraente em transmitir as informações. Esses perfis, muitas vezes, compartilham fotos, vídeos, ilustrações, informações e histórias que auxiliam na captação de conhecimento. Isso permite que o público em geral, mesmo aqueles sem formação acadêmica em arqueologia, tenha acesso a informações interessantes e educativas sobre o tema.

Além disso, empresas e profissionais arqueológicos também têm utilizado o Instagram como uma ferramenta de divulgação de seus trabalhos e projetos. Disponibilizando imagens dos sítios arqueológicos, compartilhando atualizações sobre as escavações em andamento e destacando os métodos e técnicas empregados em suas pesquisas e possíveis resultados. Isso promove uma maior transparência e conscientização sobre o trabalho arqueológico.

O Instagram também permite uma interação direta entre os arqueólogos e o público. Os usuários podem fazer perguntas, deixar comentários e compartilhar suas próprias experiências relacionadas à arqueologia. Isso promove um diálogo aberto e uma maior conexão entre a comunidade arqueológica e o público interessado.

No entanto, é importante mencionar que, embora ela seja uma plataforma poderosa para a divulgação, também possui limitações em relação à profundidade e complexidade que podem ser transmitidas. A arqueologia é uma disciplina rica em detalhes e nuances e nem sempre é possível “postar” toda essa complexidade através de imagens e legendas curtas. Portanto, é essencial incentivar o público a buscar fontes adicionais de informação e aprofundar seu conhecimento sobre os temas arqueológicos de interesse. Nós, também, precisamos aprender a entender os pontos essenciais da pesquisa, de modo a desenvolver conteúdos viáveis para esse canal.

Em suma, o Instagram e outras plataformas de mídia social desempenham um papel importante na divulgação e promoção da arqueologia. Eles oferecem uma maneira acessível, visualmente atraente e interativa de compartilhar informações sobre o patrimônio cultural e as pesquisas arqueológicas. Esses perfis contribuem para a disseminação do conhecimento arqueológico e ajudam a despertar o interesse e o engajamento do público em relação ao passado humano.

Adiante, exponho um layout evidenciando alguns perfis brasileiros voltados à arqueologia na rede virtual Instagram, apresentando páginas destinadas ao acervo arqueológico brasileiro, museus, empresas, conhecimento e curiosidades. Saliento que todas as informações foram retiradas dos usuários

divulgados na rede social Instagram, no atual momento da elaboração deste trabalho.

O layout (figura 1) consiste em informações chaves sobre o conteúdo e *user* do perfil apresentado, todos organizados por categorias de acordo com as temáticas dos perfis. Apesar da maioria deles divulgarem conteúdos educativos, categorizei aqueles que mais se enquadram em cada tema. Os perfis aqui apresentados são apenas um exemplo dos muitos presentes nas redes sociais e ressalto que a intenção desse layout é divulgar a atual diversidade e reforçar o quanto as empresas arqueológicas e instituições de ensino vêm amadurecendo seus perfis em redes sociais na internet.



FIGURA 1

Perfis na Rede Social Instagram relacionados à Arqueologia

Com um catálogo imenso de perfis e conteúdo, a arqueologia demonstra a quão assídua vem se tornando e a importância das parcerias no meio virtual. A troca de informações e compartilhamentos de perfis, movimenta os alunos a se integrarem das notícias e meio profissional, movimenta divulgações de pesquisas e acesso a dados através de colegas profissionais, movimenta o conhecimento da área e suas atuações ao público em geral.

A Arqueologia “tá” na rede, a Ciência é a rede!

## **Caiu na rede, é peixe!**

O trabalho em campo na arqueologia desempenha um papel fundamental nas pesquisas, sendo uma etapa que pode proporcionar empolgação a muitos profissionais, embora outros já imaginem os desafios que estão por vir. Animados ou não, essa etapa se faz necessária com a possibilidade de registrar grandes surpresas.

A reportagem da BBC NEWS “*Os mistérios e polêmicas que cercam um chinelo no Museu do Ipiranga*” redigida por Daniel Salomão Roque e publicada em 9 de maio do ano 2022, evidenciou uma dessas surpresas em meio às escavações na obra de restauração do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP), também conhecido como Museu do Ipiranga.

O início do mistério se deu com a descoberta de um chinelo totalmente descontextualizado mediante as expectativas e leituras que o local indicava. Quando um vestígio que aparenta estar deslocado em relação ao contexto histórico e cultural de um sítio arqueológico é descoberto, pode-se apontar uma série de possibilidades intrigantes. Uma descoberta como essa é capaz de iniciar uma investigação fascinante, desafiando os profissionais a analisar possíveis explicações com novas reavaliações e perspectivas socioculturais.

Justamente a descoberta do chinelo refletiu bem esse impacto durante as escavações. Não só por um objeto incompatível com o período de construção do Museu, mas por suas características intrínsecas que despertavam incontáveis questionamentos, levando a diferentes possibilidades interpretativas. Sua excentricidade também levou os profissionais a discutirem suas abordagens metodológicas e técnicas analíticas para o estudo e conservação do material. A propósito, olhemos mais sobre o chinelo a seguir e percebamos melhor sua singularidade.

As características descritas na reportagem indicam que

O objeto é feito de borracha, e seus contornos carcomidos lembram o pé esquerdo de um ser humano. Da espuma que forma a base, saltam tiras resistentes, adornadas em relevo com pequenos traços geométricos. Um dia, elas estiveram dispostas mais ou menos como a letra V do alfabeto ocidental. Hoje, encontram-se partidas.

Nas laterais e na forquilha, o artefato apresenta a mesma coloração incerta, algo entre o azul e o verde-escuro. Ele tem uma face amarela e outra cinzenta. Antes do desgaste, do desbotamento e da exposição contínua à sujeira, suas cores talvez fossem diferentes. (ROQUE, 2022)

Já a sua localização se deu “[...] no pavimento D, entre as vigas do torreão central – uma espécie de passagem improvisada pelo forro do edifício, atualmente em reforma [...]” (ROQUE, 2022). O arqueólogo Renato Kipnis, diretor da empresa Scientia Consultoria Científica, responsável pelo monitoramento da obra, comentou na reportagem que o chinelo e os outros objetos encontrados no pavimento remontam a construção do museu no final do século XIX.

Um ponto intrigante a respeito do chinelo destacado na reportagem, é a sua semelhança com os modelos da marca Havaianas que iniciou sua fabricação a partir de 1962.

Quanto ao produto da marca Havaianas, Lívia Stroschoen Pinent (2013, p. 11) comenta que o produto foi lançado no início da década de sessenta podendo ser considerado tanto um chinelo quanto uma sandália. Reforça que as características dominantes são a sua fabricação em borracha com tiras entre os dedos. A empresa Alpargatas, detentora da marca, usa o termo sandália, mas que chinelo ou “chinelas” é mais popularmente conhecido em algumas regiões do Brasil. A autora destaca que a nomenclatura do produto não é trivial e passa por conotações de status social. À medida que as “sandálias” foram se multiplicando no mercado, em variantes genéricas, a empresa trocou o nome do produto para “Havaianas”, de modo a manter a autenticidade. A autora ressalta, ainda, que “Conforme encontrado em relatos dos consumidores, o significado do uso Havaianas pode ser reposicionado, dependendo do capital simbólico e econômico do usuário” (PINENT. p. 11, 2013)

Para tanto, os autores Felipe Matos, Renato Kipnis e Ilza Carla Favaro De Lima (2002) esclareceram sobre o chinelo na publicação “*O chinelo do Museu do Ipiranga-USP: acervo, memória e poder*” que

[...], uma das hipóteses é a de que o chinelo encontrado numa parede do Museu Paulista provavelmente seja uma falsificação do modelo básico das Havaianas que foi utilizado e descartado por um trabalhador

que realizou alguma obra ou reparo pontual no edifício-monumento (MATOS; KIPNIS; DE LIMA, 2002, p. 6)

Apesar das possíveis interpretações levantadas ao local questão e ao chinelo, a problemática maior ainda estava para ser discutida. O que fazer com o chinelo? O objeto deveria ser resgatado, estudado e condicionado à preservação como os outros artefatos arqueológicos?

Para sustentar tais indagações, levanto um adendo sobre a Arqueologia do Lixo cuja abordagem busca evidenciar questões sociais, econômicas, culturais, ambientais e históricas das sociedades contemporâneas por meio dos resíduos materiais descartados. Para André Wagner Oliani Andrade em sua tese de doutorado *“Arqueologia do Lixo: um estudo de caso nos depósitos de resíduos sólidos da cidade de Mogi das Cruzes em São Paulo”* o autor ressalta que

A Arqueologia pode ser considerada, sumariamente, tanto como uma disciplina humanística quanto uma ciência (RENFREW, 1993, p. 10), que tem como principal objetivo compreender o funcionamento, a estrutura e os processos de mudança de sociedades do passado, a partir da investigação e interpretação dos restos materiais produzidos, utilizados e descartados pelos indivíduos pertencentes a essas sociedades.

Considerando que a existência do homem, desde seus primórdios, incita à ideia de geração de resíduos sólidos oriundos de suas atividades cotidianas e que estes resíduos nada mais são do que restos materiais, relacionar a Arqueologia com a questão dos resíduos torna-se óbvio (ANDRADE, 2006, p. 19)

Desse modo podemos refletir que apesar do chinelo se apresentar “descontextualizado” ao Museu do Ipiranga, ele é de grande valor arqueológico se pensarmos dentro de uma perspectiva de materiais utilizados e descartados, mas que agregam informações sociais, cotidianas e culturais relacionadas ao indivíduo e seu contexto histórico. Assim, será mesmo que o chinelo nada tem a nos dizer?! Será que esse objeto não representa uma classe com valores culturais que merecem seu espaço na pesquisa científica e exposições em museus?!

Com base nessas discussões a capa de divulgação da Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE/USP) trouxe a imagem de um chinelo com a temática “Arqueologia e os Estudos do Lixo”, publicada em maio de 2023

(Figura 2). Esse dossiê evidenciou a importância do lixo interligado à Arqueologia e suas contribuições e deficiências em abordagens metodológicas.

[...] o lixo e a própria cultura material estão intimamente relacionados com a Arqueologia e seus interesses de pesquisa, de olhar para o mundo e pensar sobre a experiência humana nos contextos sociais a partir das coisas deixadas para trás (SOUZA; AGOSTINI, 2023, p. 1)

REVISTA DO MUSEU  
DE  
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



n. 40



2023

FIGURA 2

Capa da Revista do Museu De Arqueologia e Etnologia - Volume 40  
Fonte: <https://www.revistas.usp.br/revmae/issue/view/12891>

Arqueologia do Lixo e suas atuais discussões nos mostram uma nova perspectiva de análise e coleta para materiais antes ignorados ou não bem aproveitados pelos estudos científicos, também nos revela um novo meio de se aplicar a arqueologia ligado a questões ambientais e seus impactos na área urbana. Por conseguinte, uma vez um chinelo gasto com um prego em sua sola e possivelmente descartado pelo seu proprietário (a) por ter chegado ao seu fim, desperta uma história cotidiana a ser contada que foge dos contos das belas artes.

Contudo o chinelo não só se tornou uma descoberta inesperada para os arqueólogos, mas despertou o interesse de ouvir os trabalhadores da obra e todos que se interessassem em falar sobre. O interesse levou os profissionais a buscarem a ferramenta de comunicação mais acessível nos tempos atuais, a internet. E assim realizaram uma postagem através do perfil do Museu do Ipiranga no Instagram e Facebook<sup>2</sup> com duas imagens do objeto acompanhado da seguinte descrição:

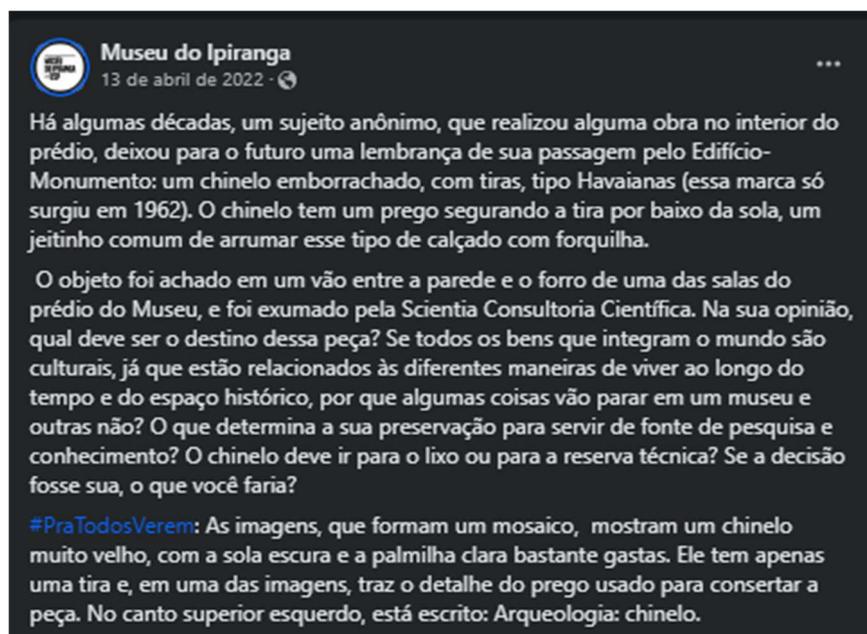


FIGURA 3

Legenda da publicação “Chinelo” na página do Facebook - Museu Do Ipiranga  
Fonte: [https://www.facebook.com/museudoipiranga/photos/pb.100064842752203.-2207520000/5618037001551502/?type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/museudoipiranga/photos/pb.100064842752203.-2207520000/5618037001551502/?type=3&locale=pt_BR)

<sup>2</sup> Ver, respectivamente, <https://www.instagram.com/museudoipiranga/> e <https://www.facebook.com/museudoipiranga>

É aqui que tenho para mim um peixe fígado! Para os incrédulos que pensaram que as pessoas talvez não se interessassem sobre o assunto, a postagem em ambos os perfis rendeu muitas discussões, a favor e contra a preservação do chinelo. Vejamos a seguir os comentários apresentados na reportagem.

Um seguidor alegou: "Havaianas consertadas com prego são parte da cultura brasileira. Tem que ir para a reserva técnica". Outro defendeu: "Certeza que merece uma exposição. Existe riqueza narrativa nesses objetos de uso cotidiano". Alguém opinou: "O chinelo é um registro histórico, revela que a construção tem sangue da classe trabalhadora". E também havia quem brincasse: "Exponham ao lado de um vira-lata caramelo"

Mas, pouco a pouco, as respostas se tornaram hostis. "Estão forçando uma importância ridícula onde não há." "Isso não tem relevância alguma... a não ser para a esquerda mimizenta e drogada." "Pegue o lixo do banheiro e coloque em exposição. Estaria de acordo com vários palpites que eu li." "Essa postagem é patética. Mostra um museu que já não entende a sua função cultural pública" (ROQUE, 2022)

Visto os comentários acima, poderíamos conversar sobre diferentes problemáticas sociais e simbólicas instauradas em nosso sistema, principalmente no que diz respeito a representatividade do público com a história do Brasil. Apesar desse assunto ser de grande importância, reforço que aqui, neste trabalho, busco apenas evidenciar o alcance midiático que a postagem conquistou e como as redes sociais devem ser exploradas pela arqueologia como ferramenta de comunicação e interação com o público, não deixando seu objetivo de promover conhecimento e de divulgação dos projetos e trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Brasil.

Antes de apresentar os números de likes e comentários que a postagem conquistou nas redes sociais Instagram e Facebook, gostaria de expor o perfil da página do Museu do Ipiranga nessas redes.

Adianto que os dados sobre os perfis foram coletados no mês de agosto do ano de 2023 e podem sofrer alterações a partir desse momento. Na rede Facebook o perfil do Museu possui, aproximadamente, 54 mil seguidores com 46 mil curtidas. A página contém, em sua apresentação, dados como email, endereço, telefone e *link* do site. Na página podemos localizar um campo nomeado "sobre", lá encontramos uma breve descrição com informações sobre

a história do Museu desde a sua inauguração até os processos de ampliação do acervo e suas conquistas.



FIGURA 4

Perfil na rede social Facebook do Museu Ipiranga (agosto/2023)  
Fonte: <https://www.facebook.com/museudoipiranga>

No Instagram, a página se encontra atualmente com 913 publicações e 216 mil seguidores com menos informações em sua descrição, mas com a presença de um link que lhe redireciona ao site do Museu.

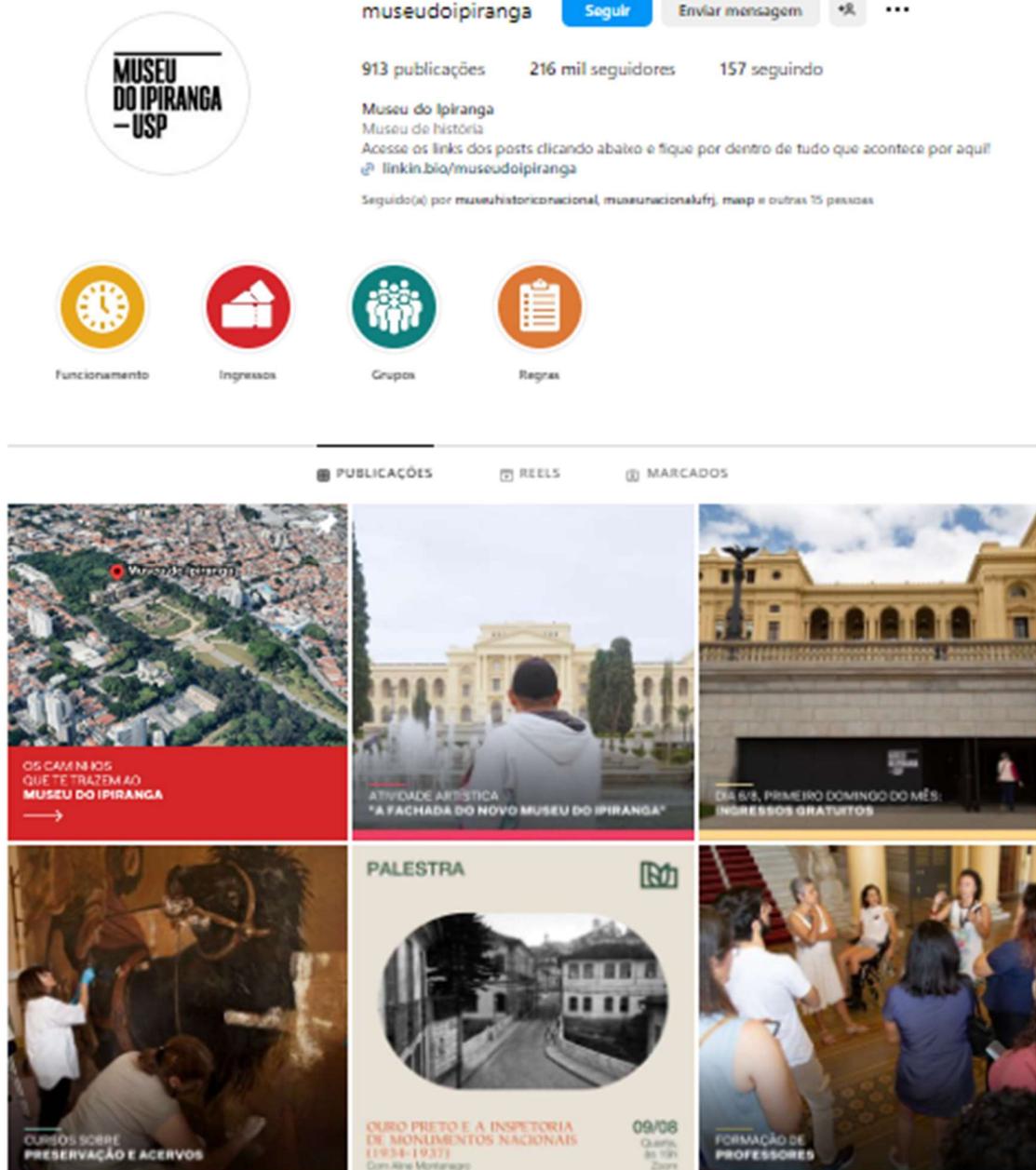


FIGURA 5  
 Perfil na rede social Instagram do Museu Ipiranga (agosto/2023)  
 Fonte: <https://www.instagram.com/museudoipiranga>

Apresentado os perfis venho agora explicar e destacar os dados de alcance e as impressões midiáticas que a publicação e o perfil têm conquistado nessas redes. Primeiramente vamos compreender a diferença entre essas métricas. Segundo a publicação no *Blog Rockcontent* intitulada “Alcance x impressões: quais as diferenças entre as métricas das redes sociais” redigida por Ana Júlia Ramos (2019) a métrica de alcance é considerada para sinalizar a quantidade de pessoas que foram impactadas pelo conteúdo. Enquanto a impressão sinaliza quantas vezes o conteúdo foi visto, considerando os vários acessos que um mesmo usuário entrou em contato com aquele *post*.

Outro ponto a esclarecer é sobre a aplicação desses termos em cada rede social e como são categorizados. Ramos (2019) aponta que para o Instagram não há desmembramento das métricas, mas quanto ao Facebook, temos:

[...] relação ao alcance e às impressões, existem três subcategorias para cada um dos dois conceitos. Elas são chamadas de pagas, orgânicas e virais:

orgânico: impacto gratuito por qualquer conteúdo que tenha sido postado em uma página;

pago: impacto pago por meio de posts patrocinados e anúncios ou dark posts;

viral: impacto de pessoas que viram conteúdo de uma página na sua timeline porque os amigos curtiram ou seguiram a página, se envolveram com posts, fizeram alguma publicação ou compartilharam fotos, por exemplo. (RAMOS, 2019)

Agora que entendemos as diferenças dessas duas ferramentas precisamos esclarecer sobre o planejamento e gerenciamento dos perfis. Apesar do conteúdo publicado ser atrativo a muitos internautas, se ele tivesse sido feito em um perfil pouco movimentado, muito provavelmente não alcançaria um público extenso e não resultaria em uma troca interativa tão promissora. A esse ciclo de publicações que buscam interações e, assim, se viabilizam cada vez mais é o que, de modo simples, chamamos de engajamento.

O engajamento estratégico para melhorar o alcance e se destacar ao seu público-alvo é fundamental para o perfil e depende, majoritariamente, de planejamento e gerenciamento das publicações, divulgações e interações com outros perfis, sem falar das publicidades que podem decorrer de anúncios pagos

ou através do compartilhamento. Compreender esse processo é importante pois, apesar das redes sociais serem auspiciosas e trazerem bons resultados para os trabalhos, pesquisas e ensino na arqueologia, o processo não acontecerá sem estratégias, adaptações e planejamentos midiáticos.

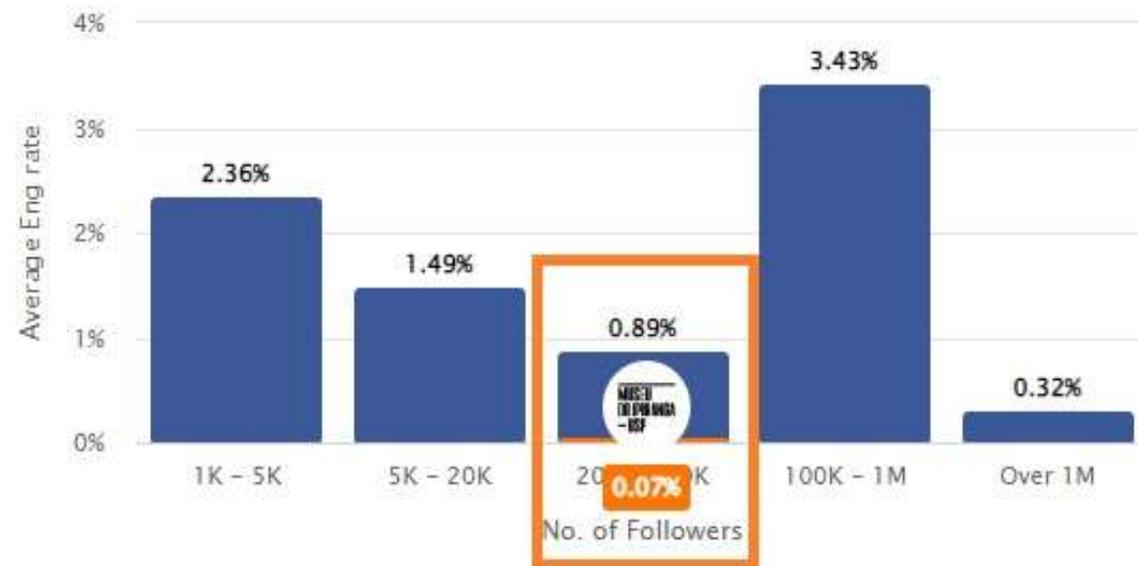
O perfil do Museu Ipiranga já se apresentava nas redes sociais há algum tempo. Segundo informações no Facebook, a data da criação do perfil é de 2011 e no Instagram data de 2017. Dessa forma, com todos esses anos os perfis já haviam conquistado um público-alvo que o rendeu seguidores e comentários. Por ser um lugar de visitação e turístico, ela ganha publicidade pelas menções e marcações dos visitantes em suas próprias postagens. Portanto podemos compreender que a publicação do chinelo obteve um bom engajamento por trazer um assunto atrativo e dinâmico, mas também por ser um novo conteúdo de uma página já estabelecida e bem gerenciada.

Esclarecidos tais pontos, começo, agora a apresentar, os dados de engajamento da publicação e da página para verificarmos o seu alcance. Para coleta desses dados foi utilizado a plataforma *Phlanx Social Media Marketing Platform* que tem como finalidade demonstrar dados de alcance das páginas e publicações através da calculadora de engajamento, bem como comparar suas informações com páginas verificadas e otimizadas. A plataforma também oferece relatórios e gráficos para melhor compreensão, entre outras ferramentas que podem ser exploradas para quem busca manter um melhor engajamento. Lamentavelmente o uso da plataforma não é gratuito, mas disponibiliza um período de teste com todos os recursos ativos. As informações a seguir também foram coletadas em agosto de 2023 e podem sofrer alterações a qualquer momento.

A plataforma *Phlanx* também não calcula o engajamento da publicação (*post ou postagem*) para a rede social Facebook, apenas disponibiliza o cálculo para a página do perfil em si, baseado na quantidade dos atuais seguidores. Dessa forma os dados do gráfico (figura 6) *Average Engagement Rates on Facebook* (taxas médias de engajamento no Facebook) revelaram que, mediante a quantidade de 54 mil seguidores, a página apresenta um alcance de 0,07% aos seus internautas.

### Average Engagement Rates on Facebook i

2023



Statistics sourced from [Phlanx.com](https://phlanx.com) © All rights reserved.

FIGURA 6

Gráfico: Average Engagement Rates on Facebook (taxas médias de engajamento no Facebook)  
Fonte: <https://phlanx.com/facebook-engagement-calculator>

O gráfico tem como objetivo estipular uma porcentagem de alcance baseado em um total de seguidores. Quanto menos seguidores maiores é seu alcance, mas quando a página dispõe de muitos seguidores o algoritmo das redes sociais dificulta essa abrangência, evidenciando a necessidade de estratégias de engajamento. Nesse caso, o resultado esperado para uma página de 20 mil a 100 mil seguidores é de 0,89% segundo as informações do *Phlanx*. Mas apesar do Museu ter uma média de 0,07% isso pode ser melhorado através do gerenciamento estratégico ou sofrer alterações positivas por intermédio de algum cenário publicitário que favoreça a página. Ainda assim, a publicação do chinelo (figura 7) rendeu 2,6 mil *likes* com 413 comentários e 289 compartilhamentos, segundo dados do perfil no Facebook.

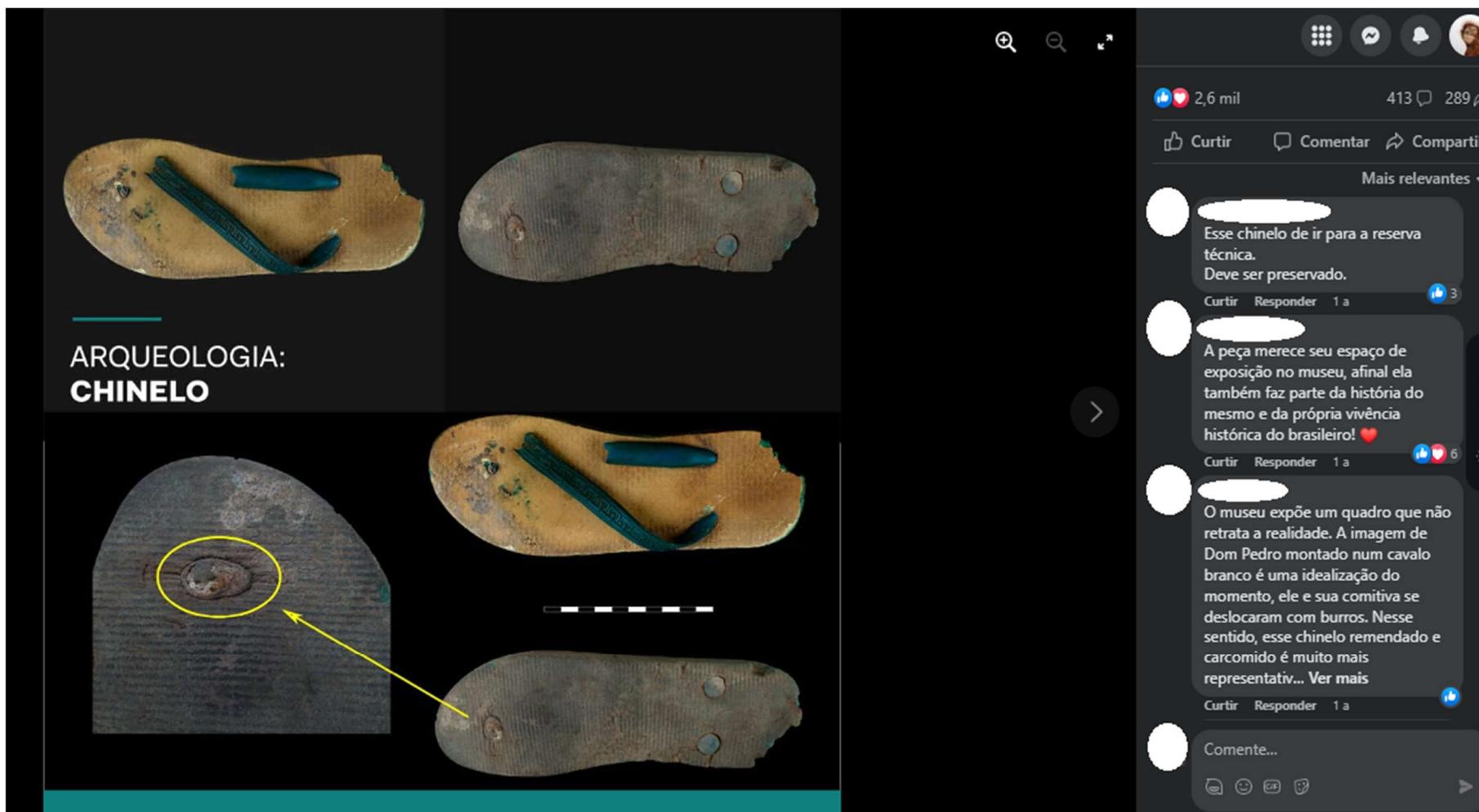


FIGURA 7

Perfil Museu Do Ipiranga na Rede Social Facebook

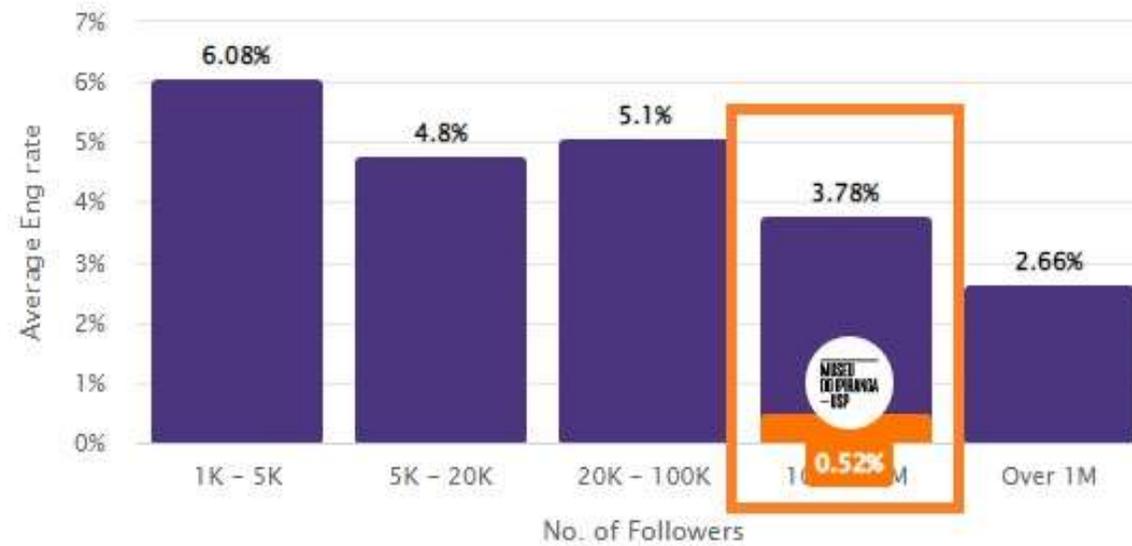
Publicação: Arqueologia - Chinelo

. Fonte: [https://www.facebook.com/museudoipiranga/photos/pb.100064842752203.-2207520000/5618037001551502/?type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/museudoipiranga/photos/pb.100064842752203.-2207520000/5618037001551502/?type=3&locale=pt_BR)

Para o perfil do Instagram, os dados foram mais abrangentes, possibilitando conferir o engajamento da página do Museu e da publicação relacionada ao chinelo. A começar seguiremos o mesmo parâmetro do gráfico anterior, o *Average Engagement Rates on Instagram* (taxa de engajamento no Instagram) nos permitirá compreender o alcance da página de acordo com seu total de seguidores.

## Average Engagement Rates on Instagram 📄

2023



Statistics sourced from [Phlanx.com](https://phlanx.com) © All rights reserved.

FIGURA 8

Gráfico: Average Engagement Rates on Instagram (Taxa de engajamento no Instagram)

Fonte: <https://phlanx.com/engagement-calculator>

De acordo com o gráfico (figura 8), para um público de 100 mil seguidores a 1 milhão, o percentual de alcance esperado é de 3,78%. O perfil do Museu apresenta um resultado de 0,52%, o que demonstra um melhor engajamento comparado a página do Facebook, mas ainda bem abaixo da média esperada. Outro ponto evidente é o número de seguidores que, por ser maior, reflete a necessidade de um melhor desempenho na conquista de bons resultados para o engajamento. Vale destacar que apesar da criação da página do Instagram ser mais recente que a do Facebook, o perfil apresenta muitas publicações, algumas com divulgações de notícias e eventos, bem como publicações informativas sobre o funcionamento do Museu no campo “destaques”. Ambas as páginas aparentam ser bem administradas e contam com publicações recorrentes, o que favorece a movimentação da página para a sua visibilidade. À vista disso, não pretendo definir algum motivo de uma página se destacar mais que a outra, pois as razões podem ser inúmeras e muito se influência do próprio público com suas preferências pessoais na escolha de uso das redes sociais.

Levaremos em consideração apenas o percentual de destaque dos perfis e da publicação no objetivo de considerar a rede social um espaço promissor de comunicação no campo da arqueologia. Dessa forma, vejamos na figura 9 o Instagram o perfil do Museu do Ipiranga comparado a outros perfis destinados a assuntos diferentes.

### Registros

Nome	Descrição	Criada	Status	
Museu do Ipiranga	comparação de alcance midiático com perfis relacionados a outros assuntos	17 de agosto de 2023	Ativo	<a href="#">Gerenciar</a>

### pesquisas recentes

@nike	0,46 %	X
@adidas	0,68 %	X
@reebok	0,37 %	X
@underarmour	0,29 %	X
@hokaoneone	1,12 %	X
@museudoipiranga	0,89 %	X

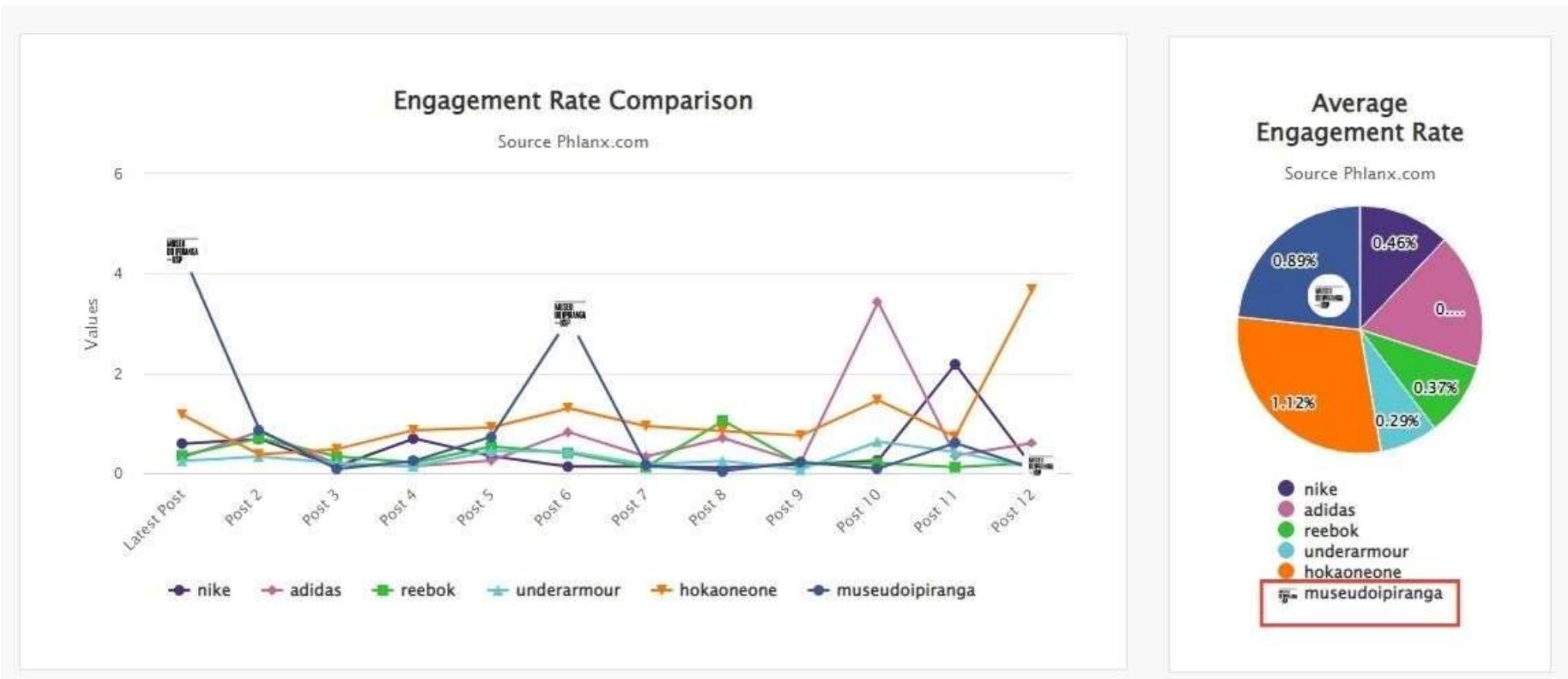


FIGURA 9  
 Gráfico: Engagement Rate Comparison (Comparação de taxa de engajamento)  
 Fonte: <https://phlanx.com/competitor-tracking/instagram>

Os gráficos comparam, ao Museu, perfis da rede destinados a produtos de marca e comércio que apresentam relevância no mercado e que contam com inúmeras propagandas e marketing. Dessa forma, é possível vermos o desempenho da página cultural com perfis que representam muito bem o mercado e a atual influência social. O perfil que mais se destaca é a *Hoka*, que é uma marca destinada a produtos esportivos. O gráfico mostra um desempenho estável com um grande avanço de engajamento nas últimas publicações. Para os perfis com menos destaque temos a *Adidas* e *Underarmour* que mantiveram sua média na maior parte das publicações, mas que não obteve sucesso ao engajar um público maior.

De acordo com a figura 9 o gráfico demonstra que a página do Museu se encontra com 0,89% demonstrando constâncias e altas positivas no decorrer das publicações. Isso pode ser um reflexo do assunto publicado, mas também de algoritmos que auxiliam na divulgação da postagem, mediante o horário da publicação, compartilhamento, recorrência da atualização do perfil, entre outros.

Em contrapartida, a figura 10 indica que o engajamento comparado a outros perfis de Museus demonstra que o Museu do Ipiranga ainda não se destaca promissoramente. Em consequência a esse resultado podemos presumir que as publicações possuem maior interação no ato da sua postagem, mas com o passar dos dias, os comentários, *likes* e compartilhamentos tendem a diminuir. Assim, o engajamento perde força e acaba não obtendo grandes resultados. Para essa comparação foram coletados dados do Museu Nacional UFRJ e British Museum. Vejamos as informações apresentadas pelo Phlanx.



Museu Nacional UFRJ  
68.0K followers



### Engagement rate by reach

**0.59%**

#### Avg Interactions per post

451 likes 5 comments

Percentage: **Average**

### Engagement rate by latest post

**1.02%**

#### Interactions

690 likes 6 comments



[Go to post](#)

### Total weekly interactions

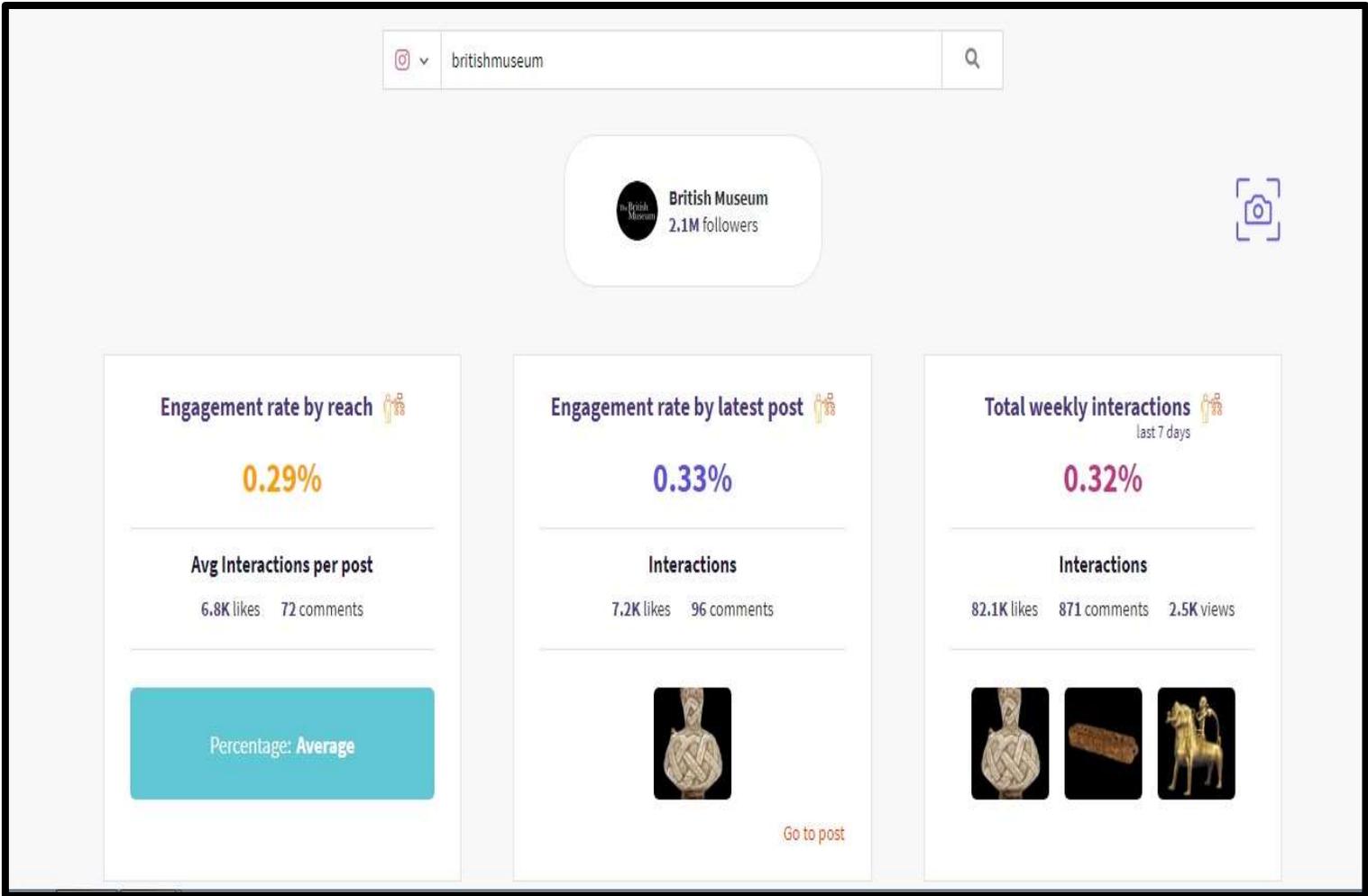
last 7 days

**0.67%**

#### Interactions

5.4K likes 61 comments 0 views





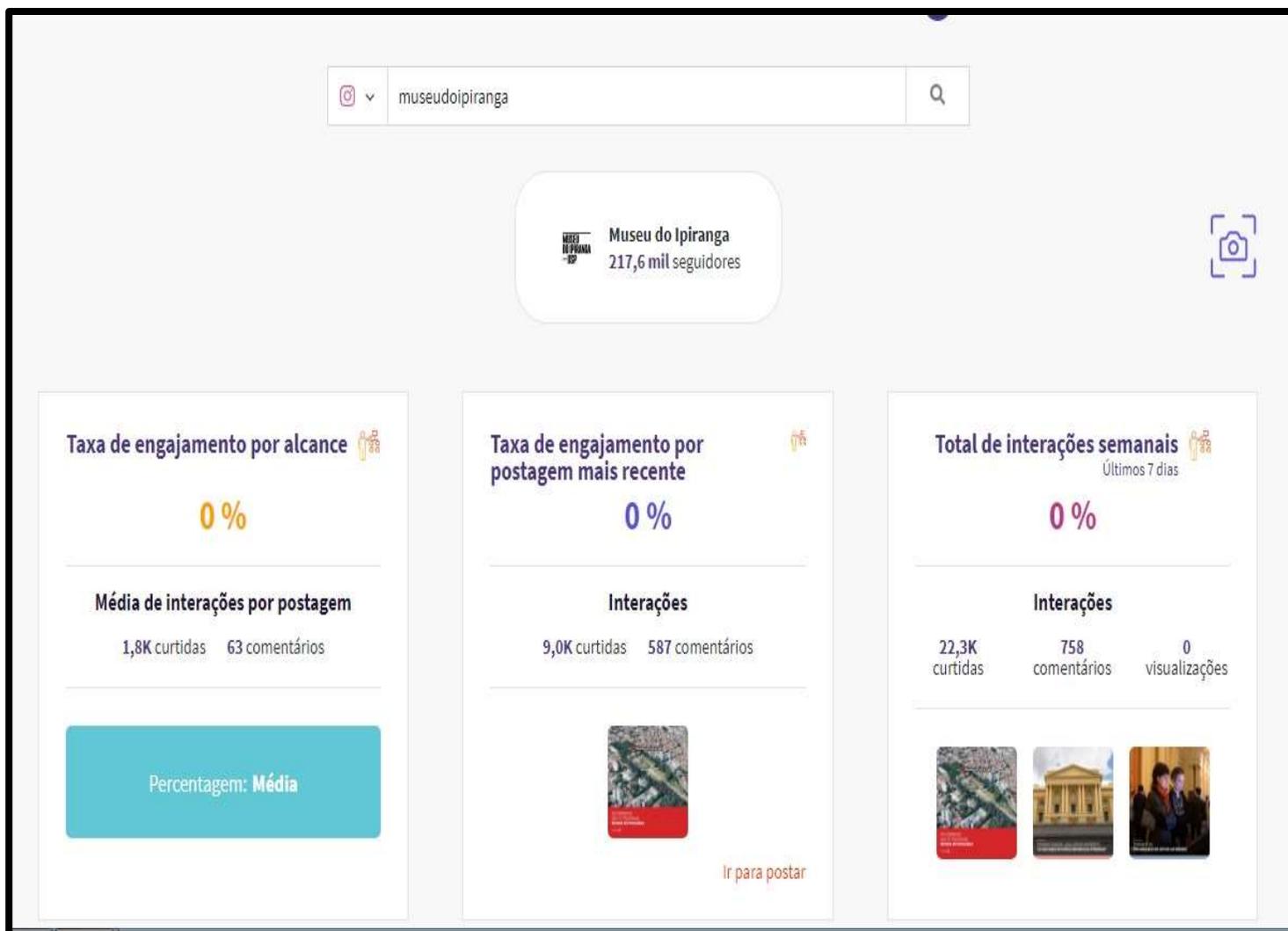


FIGURA 10  
 Gráfico: Instagram Calculator Analytics (Análise da calculadora do Instagram)  
 Fonte: <https://phlanx.com/engagement-calculator-advanced>

Ainda assim, a média de interações por postagem e os dados de interações apresentam um bom número de curtidas e comentários, apesar de não demonstrar um percentual constante significativo. Para a postagem do chinelo (figura 11) a publicação contou com 6.304 curtidas e 410 comentários. Para coleta dos números de *likes* no Instagram, utilizei apenas os dados do Phlanx pois, após algumas atualizações, a rede retirou para os seguidores a visualização do número de likes.



FIGURA 11

Gráfico: Instagram Post Likes Calculator (Calculadora de curtidas de postagens no Instagram)  
Fonte: <https://phlanx.com/instagram-likes-calculator>

A seguir vemos a publicação do chinelo na rede social Instagram e alguns comentários.



museudoipiranga • Seguir



museudoipiranga Há algumas décadas, um sujeito anônimo, que realizou alguma obra no interior do prédio, deixou para o futuro uma lembrança de sua passagem pelo Edifício-Monumento: um chinelo emborrachado, com tiras, tipo Havaianas (essa marca só surgiu em 1962). O chinelo tem um prego segurando a tira por baixo da sola, um jeitinho comum de arrumar esse tipo de calçado com forquilha.

O objeto foi achado em um vão entre a parede e o forro de uma das salas do prédio do Museu, e foi exumado pela Scientia Consultoria Científica. Na sua opinião, qual deve ser o destino dessa peça? Se todos os bens que integram o mundo são culturais, já que estão relacionados às diferentes maneiras de viver ao longo do tempo e do espaço histórico, por que algumas coisas vão parar em um museu e outras não? O que determina a sua preservação para servir de fonte de pesquisa e conhecimento? O chinelo deve ir para o lixo ou para a reserva técnica? Se a decisão fosse sua, o que você faria?



Adicione um comentário...

Publicar

FIGURA 12

Instagram: Publicação do Chinelo

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CcThoQ3v5zO/>

 museudoipiranga • Seguir

  Acho que vocês poderiam ir além e fazer um concurso entre trabalhadores de qual a melhor história fictícia sobre o chinelo.

69 sem 1 curtida Responder Ver tradução

  Essa peça é um patrimônio nacional

70 sem 1 curtida Responder Ver tradução

  Vai direto PRO ACERVO COM CERTEZA. chinelo remendado com prego é praticamente um patrimônio brasileiro 😂😂

70 sem 1 curtida Responder Ver tradução



 museudoipiranga • Seguir

  O chinelo é registro de um período em que o trabalhador não tinha direito a segurança no trabalho. E registro do que era comum numa época. No museu das Torres Gêmeas, em Nova York, há sapatos de pessoas que desceram as escadas tentando se salvar. E tem o ditado : para saber ou julgar a minha vida, calce meus sapatos. Então adorarei vê-lo no amuseudoipiranga

70 sem 2 curtidas Responder Ver tradução

  Deve ir para o lixo.

70 sem Responder Ver tradução

  @jose.arturf

70 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (1)

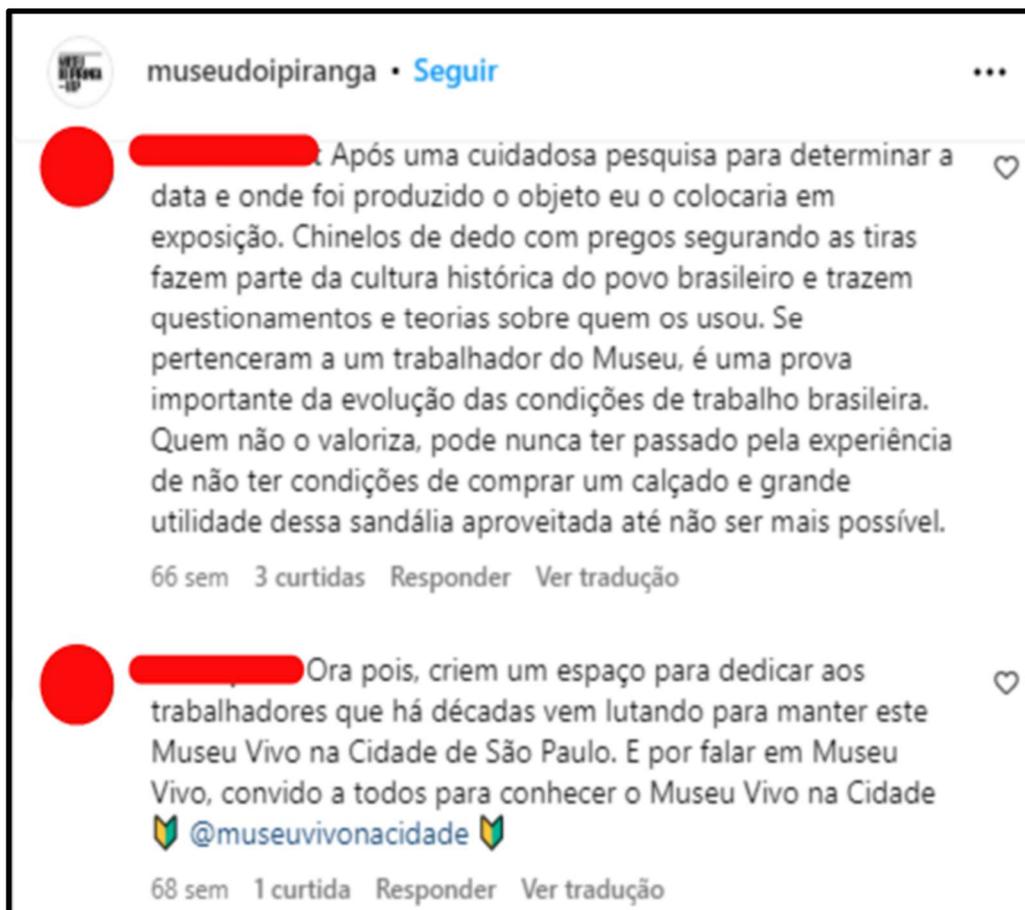


FIGURA 13

Instagram: Comentários na Publicação do Chinele  
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CcThoQ3v5zO/>

A partir dessas imagens podemos confirmar que a maioria dos comentários se destacaram como positivos a preservação do chinelo e que os seguidores de fato expressaram suas opiniões e reflexões sobre o assunto. Assim, com base nos dados de engajamento e alcance midiático evidenciado nesse tópico, concluo que a página das redes sociais do Museu do Ipiranga se mostrou muito bem apresentada e gerenciada. Reforçando que um ambiente destinado a Arqueologia tende a ser muito bem aproveitado e estabelecido no espaço virtualizado dessas redes, promovendo interações sociais positivas com o seu público. A interação do público com a publicação do chinelo nos reforça a importância de ouvir mais o que eles têm a dizer, e de inserir o diálogo arqueológico com intenção de que eles se sintam no direito de expressar suas opiniões e de questionar ou tirar suas dúvidas de modo que não se sintam inferiores a disciplina. E que os resultados positivos dessa interação promovam novas estratégias no espaço virtualizado para divulgação, educação e comunicação da arqueologia, aprimorando a disciplina no seu propósito de se fazer uma ciência social.

## Conclusão

Entre fios conectados e redes cibernéticas concluo esse trabalho com o um novo olhar para arqueologia. A aproximação do público no desenrolar dessa rede nos mostrou uma nova forma de estar em contato com a disciplina e interagir com ela.

A ideia dos profissionais que atuaram na reforma do Museu do Ipiranga em levar ao público a questão sobre o que fazer com o chinelo se fez de forma criativa e interativa, ao oferecer justamente o lugar de fala ao público brasileiro a respeito de um material que tanto representa a nossa cultura. Os internautas tiveram seu espaço para se expressar e questionar revelando à sua maneira de entender sobre arqueologia e o trabalho realizado no museu.

A publicação cumpriu seu papel participativo e os dados de engajamento destacado nesse trabalho nos mostra que de fato houve um alcance considerável e muito importante para levarmos em conta mais iniciativas como esta, onde arqueologia possa cada vez mais se fazer presente nas redes sociais.

Confesso que durante esse trabalho me peguei pensando no acervo arqueológico da reserva técnica da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Um acervo com muita materialidade e história que tem potencial a ser divulgado em publicações na rede social Instagram, na busca em interagir com um público diversificado, mas principalmente com o povo sergipano.

Um projeto de pesquisa destinado a criação da página e seu gerenciamento com toda certeza pode trazer resultados positivos para divulgação do acervo a própria população sergipana, mas também aos estudantes de arqueologia e outros cursos da universidade. Viabilizando troca de saberes, novos interesses, novas pesquisas, novos olhares e diálogos para essa materialidade.

Recentemente no Instagram tive acesso por meio do compartilhamento a um *reels*<sup>3</sup> publicado na página oficial da Universidade Federal de Sergipe – UFS. O vídeo divulgado informava sobre o curso de arqueologia, mais especificamente sobre a reserva técnica do Campus de Laranjeiras – SE e trouxe

---

<sup>3</sup> Ver mais em: <https://www.instagram.com/reel/CxMBq4iOsAV/>

informações pontuais sobre a origem e período da materialidade do acervo, bem como informações sobre a reserva técnica.

O vídeo não só promoveu visibilidade a reserva técnica, mas também ao curso de arqueologia e ao Campus de Laranjeiras – SE. Caminhar em meio a essas novas tendências tende a ser muito promissor, pois à medida que novas ferramentas se dispõem na rede social o público se familiariza e engaja novos conteúdos.

É com base nessas ações e resultados divulgados nesse trabalho que proponho dedicarmos conceder cada vez mais voz a arqueologia nas redes sociais e oportunizar o público a ter mais contato com os processos da disciplina. De estar atualizado com os trabalhos e artigos, ter seu espaço para dialogar e se expressar, ter acesso ao conhecimento e questões sobre preservação e conservação do patrimônio histórico nacional, bem como visualizar a arqueologia em sua realidade e compreender a importância do seu papel para a ciência e sociedade.

Que a influente rede cibernética possa estabelecer prósperas conexões entre os profissionais da arqueologia e o público brasileiro ao longo de um desenrolar de fios, diálogos e muito conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, André Wagner Oliani. **Arqueologia do Lixo: um estudo de caso nos depósitos de resíduos sólidos da cidade de Mogi das Cruzes em São Paulo**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo;

ANECLETO, Úrsula Cunha. **Tecnologias digitais, ação comunicativa e ética do discurso em redes sociais**. Texto Livre, v. 11, n. 2, p. 304-317, 2018;

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Arqueologia e público: pesquisas e processos de musealização da arqueologia na imprensa brasileira**. Revista Arqueologia Pública, v. 3, n. 1 [3], p. 33-48, 2008;

COSTA, Diogo Menezes. **Arqueologia patrimonial: o pensar do construir**. Habitus, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 333-360, 2004;

DA COSTA, Verônica Soares et al. **Faz todo sentido biológico? Mulheres, homens e ciências nas textualidades do canal Nerdologia**. 2019;

DA SILVA, Bruno Sanches Ranzani. **Das ostras, só as pérolas: arqueologia pública e arqueologia subaquática no Brasil**. 2011.

DE LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro; DOS SANTOS CARVALHO, Lidiane. **Discurso, análise de redes e avaliação dos processos de inovação**. Capítulo 4, 2019;

FERREIRA, Fabio Alves. **Para entender a teoria do discurso de Ernesto Laclau**. Revista espaço acadêmico, v. 11, n. 127, p. 12-18, 2011;

GOMIDE, Glória Itabirano. Cor e a construção cultural. **Rumores**, v. 10, n. 19, p. 42-57, 2016;

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista**. Madrid, España, 1987;

LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia**. Ciência da Informação, v. 32, p. 88-95, 2003.

MARTELETO, Regina Maria. **Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades**. Informação & Informação, v. 12, n. 1 esp., p. 46-62, 2007;

MARTIRE, Alex. “Nessun Dorma” -**A Arqueologia Digital e a atuação do grupo de investigação ARISE em tempos de pandemia: um ensaio**. Revista de Arqueologia, v. 35, n. 1, p. 195-204, 2022;

MARTIRE, Alex. <http://lattes.cnpq.br/2974994861825943>;

MATOS, Felipe; KIPNIS, Renato; DE LIMA, Ilza Carla Favaro. **O chinelo do Museu do Ipiranga-USP: acervo, memória e poder**. Revista Tempo e Argumento, v. 14, n. 37, p. e0401-e0401;

MIGLIACIO, Maria Clara. **O caráter público do Patrimônio Arqueológico: Algumas questões para reflexão.** *Fronteiras*, v. 6, n. 11, pág. 59-78, 2002;

ONU, Nações Unidas. **Crescimento da internet desacelera e 2,7 bilhões ficam fora da rede.** ONU NEWS. Cultura e Educação. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2022/09/1801381#:~:text=Este%20ano%2C%20s%C3%A3o%20%2C7%20bilh%C3%B5es>>. Acesso em: 28 de setembro de 2022;

PIERRE LÉVY. **Cibercultura.** Editora 34, 2018;

PINENT, Livia Stroschoen. **O chinelo que mudou de classe: a trajetória da Havaianas em perspectiva antropológica.** 2012;

QUIROGA, María Virginia. **Discursos y sujetos. Algunos nexos y tensiones entre las perspectivas teóricas de Michel Foucault y Ernesto Laclau.** *Estudios políticos*, n. 45, p. 79-94, 2014;

RAMOS, Ana Júlia. **Alcance x impressões: quais as diferenças entre as métricas das redes sociais.** Blog Rockcontent. Brasil, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/alcance-e-impressoes/>. Acesso em: 17 agosto 2023;

ROQUE, Daniel Salomão. **Os mistérios e polêmicas que cercam um chinelo no Museu do Ipiranga.** BBC News Brasil. Maio, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61305153> Acesso em: 28 de setembro de 2022;

SOUSA, Laize; SILVA, Abrahão Sanderson. **Arqueologia pública: um olhar sobre a interação social e a preservação de recursos arqueológicos no estado do Piauí.** *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 1 [18], p. 67-86, 2017;

SOUZA, Queila R. & QUANDT, Carlos O. **Metodologia de Análise de Redes Sociais.** In: F. Duarte; C. Quandt; Q. Souza. (Org.). *O Tempo das Redes.* São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 31-63;

SOUZA, R. A.; AGOSTINI, C. **Apresentação Dossiê Arqueologia e os Estudos do Lixo.** *R. Museu Arq. Etn.* 40: 1-3, 2023;

TORRES, Rodrigo. **Arqueologia Histórica na Era Digital.** *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 11, n. 1, p. 6-19, 2017.